



A NÃO-BINARIEDADE COMO PRINCÍPIO DO PROGRAMA PERFORMATIVO: A PERCEPÇÃO DA POTÊNCIA CÊNICA DO MUNDO PELA TRANSIÇÃO DE GÊNERO

***NON-BINARITY AS A PRINCIPLE OF THE PERFORMATIVE
PROGRAM: THE PERCEPTION OF THE WORLD'S SCENIC
POWER THROUGH GENDER TRANSITION***

***LA NO BINARIDAD COMO PRINCIPIO DEL PROGRAMA
PERFORMATIVO: LA PERCEPCIÓN DEL PODER ESCÉNICO
DEL MUNDO A TRAVÉS DE LA TRANSICIÓN DE GÉNERO***

Oliver Olívia Laguna de Oliveira Bellas Fernandes

Oliver Olívia Laguna de Oliveira Bellas Fernandes
Ator, diretor, performer e pesquisador trans não binário. Realiza
pesquisa acadêmica no PPGAC-ECA-USP na qual pesquisa biodrama,
programa performativo, e seu Tríptico autobiográfico, nas chaves da
episteme teatral, sociocultural, de estratégias de aprendizado e criação.
E-mail: laguaolivia@gmail.com

Resumo

Em uma abordagem autoetnográfica, exploro minha transição de gênero como um ponto de virada perceptiva e epistemológica, cujas elaborações provenientes caminham em consonância com os fundamentos do que Eleonora Fabião descreve como programa performativo. Intenta-se explorar uma via de contato com essa noção que seja transcetrada, empírica e a priori do que se convencionou pelo espaço propriamente dito do fazer artístico. Além disso, é trabalhada a maneira como o paradigma, não só trans, mas especificamente não binário, é crucial para tal discussão.

Palavras-chave: Teoria *cuír/queer*; Programa de ação; Não binariedade; Experiência e prática.

Abstract

In an auto-ethnographic approach, I explore my gender transition as a perceptual and epistemological turning point, and the way its outcomes relate to the foundations of what Eleonora Fabião describes as a performative program. The aim is to explore a form of contact with such notion that is transcended, empirical, and a priori of what is conventionally called a space of artistic creation. Furthermore, it's also discussed the way in which this paradigm, not only trans, but specifically non-binary, is crucial to such analysis.

Keywords: *Cuír/queer* theory; Action program; Non-binarity; Experience and practice.

Resumen

En un enfoque autoetnográfico, exploro mi transición de género como un punto de inflexión perceptivo y epistemológico, cuyas elaboraciones resultantes están en línea con los fundamentos de lo que Eleonora Fabião describe como un programa performativo. El objetivo es explorar una forma de contacto con esta noción transcéntrica, empírica y a priori de lo convencionalizado por el propio espacio de creación artística. Además, se trabaja la forma en que el paradigma, no sólo trans, sino específicamente no binario, es crucial para dicha discusión.

Palabras clave: Teoría *cuír/queer*; Programa de acción; No binaridad; Experiencia y práctica.

A narrativa medicalista *versus* uma transição não binária

O interesse em trazer minha própria experiência como trans não binário se dá em um jogo autoetnográfico (ADAMS, ELLIS, JONES, 2011) para que a transição de gênero seja pensada em seu potencial de alteração paradigmática da relação do ser com seu entorno. Entretanto, não por meio de um exercício mental lógico, idealístico e/ou ideológico – como muitas vezes é pensada a não-binariedade pelo escopo binarista de gênero, como uma *ideia* que faz mais ou menos sentido de se concordar para algumas pessoas –, mas mediante o *carnal* de um corpo que *experimenta* e *testa* o mundo ao investigar suas possibilidades plásticas, simbólicas, afetivas e fenomenológicas. Injeção de testosterona, *binders*, mudanças de humor, clitóris aumentado, mudanças de pronomes, alteração no timbre da voz, retirada plástica das glândulas mamárias: tudo isso em um mundo cuja norma é o binômio invariável homem-pênis-calça-pelos-no-rostos e mulher-vagina-saia-sem-pelos. O ponto crucial sobre o potencial disruptivo da transição de gênero é o fato de que transicionar envolve em seu âmago uma proposição desafiadora de expansões cognitivas e epistêmicas – tanto para quem vive a transição quanto para quem convive com a pessoa que vive a transição: ao viver uma transição ou conviver com uma pessoa que o faz, é inevitável se deparar com algum nível de desmonte da promessa do paradigma homem=pênis/mulher=vagina como início e fundamento universal da experiência humana. Assim, esse aspecto transformador desse processo advém de uma potência em apontar para a *insuficiência* do sistema sexo-gênero enquanto *natureza a priori* que organiza a vida, a percepção, os corpos e as relações humanas: a natureza é revelada em seu caráter artificial e arbitrário. A transição de gênero, portanto, tem a potência de ressignificar o paradigma da experiência em *outros* arranjos epistêmicos mais múltiplos que transcendem os dois únicos e limitados esquemas biológicos homem/pênis e mulher/vagina.

Entretanto, *apesar dessa potência existir*, não é possível assumir que uma transição de gênero *em si* invariavelmente signifique essa ruptura epistemológica transgressora com o mito de criação divino-científico. Ela pode – ironicamente – acontecer deixando *intacto* o sistema sexo-gênero, respeitando a ordem da universalidade incontestável e primordial dos esquemas homem/pênis

e mulher/vagina, ou pênis = homem e vagina = mulher. Nathaniel Dickson aponta para o que vai chamar de *narrativa medicalista* (DICKSON, 2021) da transição de gênero em seu texto *Seize the means: towards a trans epistemology*. Nessa perspectiva *biologizante*, a transgeneridade é uma *questão clínica*, cujo diagnóstico é o da incongruência do corpo-sexo com o gênero-mente: o mau da pessoa consiste em nascer no corpo do “sexo oposto”. Entretanto, graças a uma intervenção médica, ela pode ser devidamente reinserida com tranquilidade no escopo coletivo cis binário “sem romper a ordem das coisas, mas meramente como um ajuste necessário à definição de realidade” (DICKSON, 2021, p. 209, tradução nossa).¹

Nesse exemplo, a radicalidade antibiologia e antinatureza de uma transição de gênero *não é capaz* de revelar o caráter arbitrário dos próprios constructos de “natureza”, “sexo” e “biologia”, revelá-los como *ficções culturais* (BUTLER, 2003). Na verdade, a narrativa medicalista *comprova* a perspectiva biologizante do sistema sexo-gênero ao tratar a transgeneridade como uma *defasagem médica*: uma biologia anômala a qual a ciência tem a capacidade de *consertar*. Desse modo, a modulação plástica do gênero, capaz de embaralhar a coerência cisnormativa e, assim, revelar sua artificialidade, nesse caso serve para *reafirmar a ordem*: criar plasticamente uma vagina em um corpo com pênis, para que nunca possa existir uma mulher com pênis, uma vez que foi *postulado pela natureza* que mulher = vagina e vagina = mulher.

Em contrapartida, ao passo que pessoas trans *binárias* – que se reconhecem dentro dos espectros “homem” e “mulher” – estão expostas a serem seduzidas pela lógica medicalista, por conta de suas promessas de *inclusão* e remuneração mediante um estatuto de uma *humanidade normal passável*, pessoas trans que se aproximam do escopo *não binário* tendem a ter uma expressão de gênero impossível de ser contemplada pela proposta da medicina de transformar a pessoa em “homem com pênis” ou “mulher com vagina”. No meu caso, por exemplo, meu entendimento de que *algo* – ou *algumas coisas* – em mim pareciam não caber no jeito como fui ensinado que “as coisas são” se deu justamente pelo enunciado enfático da impossibilidade de *poder ser às vezes homem, às vezes mulher, às vezes os dois ao mesmo tempo*,

1. No original: “(...) not disrupting the order of things, but merely as a necessary adjustment to the definition of reality”.

às vezes nenhum dos dois etc. A isso coleí um termo descritivo de jeitos de viver conhecido como “gênero fluido” e, aos poucos, atestei meu lugar como *traidor de gênero* (LEAL, 2021), ou “trans”.

Desse modo, em razão do meu desvio crucial em relação ao que se oferece como descrição de mundo o binarismo normativo – cis ou trans –, pude escapar da promessa de uma vida normal e aceita que a narrativa medicalista oferece, pois me entendi igualmente disfórico “só sendo homem” ou “só sendo mulher”. Compreendi a vivência como um gênero não-inteligível (BUTLER, 2003), ou o título contemporâneo de “não binário”, como meu único destino possível se eu me interessasse por cuidar da minha saúde mental² e sanar a disforia. Conseqüentemente, ao escapar da binariedade compulsória, passei a habitar um mundo absolutamente apartado das costumeiras “coisas como elas são” que o senso comum tanto reverera.

Do homogêneo da hegemonia para a percepção de figura e fundo

O momento em que tive uma certa coragem requerida para renegar os privilégios de uma performatividade de gênero *normal* foi o estopim para uma dissociação total que fragmentou minhas concepções de natureza, normalidade e realidade. Apesar da narrativa medicalista tentar insistentemente se apropriar da trajetória do meu entendimento como pessoa trans, minha inclinação identitária ao escopo não binário mais e mais me cuspiu para fora de qualquer possibilidade de neutralização corretiva e inclusão da minha vivência em justificativas hegemônicas responsáveis pela manutenção da normalidade-placebo do sistema sexo-gênero. Sua última tentativa desesperada de me enfiar em algum tipo de discurso hegemônico foi me apontar como *anormal*, ao qual eu respondi com uma interna revolução paradigmática; logicamente, há dois caminhos: ou sou anormal, ou a natureza cis-binária-genitalista como ontoepistemologia dotada de um universalismo incontestável e fundamental

2. “Estima-se que 42% da população Trans já tentou suicídio. Recentemente, um relatório chamado ‘Transexualidades e Saúde Pública no Brasil’, do Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT e do Departamento de Antropologia e Arqueologia, revelou que 85,7% dos homens trans já pensaram em suicídio ou tentaram cometer o ato.” Fonte: <https://antrabrazil.org/2018/06/29/precisamos-falar-sobre-o-suicidio-das-pessoas-trans/>

é uma falácia. Como mecanismo de defesa e desejo pessoal, escolhi seguir o segundo caminho, que invariavelmente se sucedeu por algo similar à virada filosófica de Butler e Preciado: *não existe natureza* em gênero, ou em sexo, mas sim *performatividade e construção próstética biotecnológica*.

Não há nada a descobrir no sexo ou na identidade sexual; não há segredos escondidos; não há interior. A verdade sobre o sexo não é uma revelação; é *sexdesign*. O biocapitalismo farmacopornográfico não produz coisas, e sim ideias variáveis, órgãos vivos, símbolos, desejos, reações químicas e condições de alma. Em biotecnologia e pornocomunicação não há objeto a ser produzido. O negócio farmacopornográfico é a invenção de um sujeito e, em seguida, sua reprodução global (PRECIADO, 2018, p. 38).

A noção de que sexo aparece na linguagem hegemônica como substância, ou, falando metafisicamente, como ser idêntico a si mesmo, é central para cada uma dessas concepções. Essa aparência se realiza mediante um truque performativo da linguagem e/ou do discurso, que oculta o fato de que “ser” um sexo ou um gênero é fundamentalmente impossível (BUTLER, 2003, p. 46).

Meu êxito em ser definitivamente expulso – ou em conseguir escapar – do reino biológico pênis = homem/vagina = mulher se deu justamente por conta do reconhecimento da minha identidade corporificada não binária como evidência material incontestável do caráter ficcional da natureza das coisas. Meu corpo, meus desejos, minhas identificações e inclinações de construção de mim mesmo se tornaram a prova empírica de que é impossível descrever a totalidade das experiências humanas apenas por meio dos constructos binários do sistema sexo-gênero. Como seria possível o postulado de que pessoas trans – principalmente as do espectro não binário – são apenas um caso anômalo de incongruência de gênero³ se a unidade do meu eu se manifesta

3. “A Organização Mundial de Saúde (OMS) oficializou nesta terça-feira (21) durante a 72ª Assembleia Mundial da Saúde, em Genebra, a retirada da classificação da transexualidade como transtorno mental da 11ª versão da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas de Saúde (CID). (...) Pela nova edição da CID 11, a transexualidade sai, após 28 anos, da categoria de transtornos mentais para integrar o de ‘condições relacionadas à saúde sexual’ e é classificada como ‘incongruência de gênero.’” Maio de 2019. Fonte: <https://site.cfp.org.br/transexualidade-nao-e-transtorno-mental-oficializa-oms/#:~:text=A%20informa%C3%A7%C3%A3o%20j%C3%A1%20havia%20sido,como%20%E2%80%9Cincongru%C3%AAncia%20de%20g%C3%AAnero%E2%80%9D>.

como a própria conjunção viva da coexistência de performatividades ditas “masculinas” e “femininas” simultaneamente? Às recorrentes tentativas da violenta cognição hegemônica generalizada de processar minha vivência como “homem”, “mulher” ou “patologia”, através de perguntas como “por que você tirou seus peitos se você gosta de usar saia?”, passei a responder com a auto-proclamação vingativa e sincera da unidade fluida da minha não binariedade: “porque *eu gosto* de não ter peitos e usar saia, *faz sentido para mim*”.

Merleau-Ponty, em sua obra *Fenomenologia da Percepção*, tece uma reflexão sobre as possibilidades de percepção de uma coisa, através da análise do paradigma figura-fundo, em chave *relacional*. O fundo não seria um mero suporte para a primazia da figura, nem tampouco a figura é perceptível por uma *qualidade em si* de fazer-se visível, mas é mediante o *contraste* que ambos acontecem: a discrepância entre figura e fundo é o que faz a figura emergir, pois, caso fossem o mesmo, seria impossível o destaque, e só poderia se perceber uma grande extensão uniforme.

O “algo” perceptivo está sempre no meio de outra coisa, ele sempre faz parte de um “campo”. Uma superfície verdadeiramente homogênea, não oferecendo nada para se perceber, não pode ser dada a nenhuma percepção. Somente a estrutura da percepção efetiva pode ensinar-nos o que é perceber. Portanto, a pura impressão não apenas é inencontrável, mas imperceptível e portanto impensável como momento da percepção. (...) Um dado perceptivo isolado é inconcebível, se ao menos fazemos a experiência mental de percebê-lo (MERLEAU-PONTY, 1996, p. 24-25).

Em paralelo com a nossa discussão, *trans não existe em si*, mas apenas por conta de sua *divergência performativa* – e, portanto, *perceptiva* – em relação ao homogêneo do sistema sexo-gênero, que então se destaca e se faz *aparecer* como *algo*. Do mesmo modo, sem a performatividade divergente da norma, é *inconcebível* a percepção do *fundo* – que aqui se trata da cisnormatividade como episteme hegemônica basilar. Assim, o sistema sexo-gênero só pode se expandir ilimitadamente como um unímido campo infinito imperceptível – ou, em seus próprios termos, “natureza” – na ausência de uma manifestação *impossível de se misturar com a norma* e, portanto, *impossível de sumir nela* – o espectro não binário. Em seu caráter de “mescla de elementos” e incoerência com o binário, desse modo, se repercute

um efeito de interrupção dessa normalidade contínua cujo projeto é ocultar a si mesma. Assim, quando me entendo trans e passo a *performar* uma identidade de gênero que é *percebida* como trans⁴, me torno figura que se revela para o entorno.

Não obstante, o delicioso efeito colateral é que *o entorno se revela para mim*: nos tornamos dois elementos distintos, em uma relação retroalimentada de significação mútua. “Dizer que esse ou aquele é o modo ‘certo’ de lidar com a diferença é, de fato, dar à diferença uma condição de agência?” (FAVERO, 2022, p. 45). Pois bem: a condição de diferença muitas vezes observada na transgeneridade não binária ganha, desse modo, uma condição de *agência*. Não estou mais, portanto, ao devir indiferente de um ser à mercê da supremacia da biologia originária, mas *a enxergo*: ela se materializa para mim em toda sua concretude, e, frente a essa materialidade, posso dar nome, tocar, *testar*.

A emergência do fundo como abertura de campos de criação cênica

Estando nesse espaço agora figura-fundo, cindido pela minha própria vivência “nem homem nem mulher” – ou “homem e mulher”, dentre suas variações, etc. –, passo a reconhecer os mecanismos e efeitos próprios das artes cênicas na minha percepção das coisas: “gênero” é *um ato*, um efeito estético semiótico e público, manifestado no espaço cênico do convívio coletivo mediante atores e atrizes criadores, cuja autoria das imagens que criam *de fato existe* – não é de interesse pensar as pessoas que materializam o escopo cisnormativo ou o escopo binário como meros fantoches de uma ordem de poder –, mas é circunscrita a uma gama de combinações limitadas que foram arbitrariamente eleitas como *coerentes* (BUTLER, 2003) e que constituem seu repertório de criação.

O corpo não é passivamente roteirizado por códigos culturais, como se fosse um recipiente sem vida de todo um conjunto de relações culturais anteriores. O “eu” corporificado, no entanto, tampouco pré-existe às convenções culturais que dão fundamentalmente significado aos corpos.

4. Trazendo uma frase que a atriz, dramaturga e transpóloga Renata Carvalho costuma dizer em suas falas, “o problema [para a cisnormatividade] não é *ser trans*, mas *parecer trans*”.

Os atores estão desde sempre no palco, dentro dos termos da performance. Assim como um roteiro pode ser encenado de diferentes maneiras, e assim como uma peça requer tanto texto quanto interpretação, também o corpo generificado atua em seu papel dentro de um espaço corporal culturalmente restrito, encenando interpretações dentro dos limites diretivos pré-existentes (BUTLER, 2018, p. 11).

A virada trazida pela percepção de “gênero” como ato é a percepção do mundo tal qual a análise da percepção do ator em cena, na chave de uma estética do performativo (FICHER-LITCHE, 2019): ao invés do que pressupunham as teorias teatrais de que o ator deve *encarnar a personagem*, a fim de fazer *desaparecer* seu próprio *eu real* para instaurar no palco a continuidade homogênea da ficção, na perspectiva de uma estética do performativo descrita por Fischer-Litche, o público percebe *ora a personagem, ora o ator*, numa relação oscilante e mutualística em que as experiências “teatro” e “não teatro” convivem, sem que nunca uma sucumba completamente em relação à outra. O que o público vê, assim, é tanto a personagem manifesta da trama quanto a *pessoa-ator-real* que a manifesta em seu ofício. Dessa maneira, não existe uma *ilusão absoluta*, imutável e infundável de que aquela pessoa no palco é de fato a personagem. Do mesmo modo, mediante a evidência inegável de “gênero” como ato e de sua *emergente verdade como uma ficção cultural* (BUTLER, 2003), não se enxerga mais “o mundo como ele *naturalmente é*”, mas pessoas em um jogo de articulações e escolhas estéticas mais ou menos *conscientes* de manifestações de gêneros mais ou menos coerentes com o espectro cis-binário-normativo. Assim, ao me entender trans e, portanto, ver a lógica de fabricação do universo generificado *se materializar frente a mim*, tornou-se impossível ver “uma mulher de verdade” – para provocativamente usar termos reiterados pela cisnormatividade transfóbica – sem *também* ver todo o engajamento estético-motor-plástico-linguístico por parte daquela pessoa para *produzir* a “mulher de verdade” que ela é, independentemente do seu grau de consciência desse ato de criação.

Isso nos leva a uma segunda consequência dessa percepção cindida que constata tanto a narrativa hegemônica em operação quanto a materialidade engajada para instaurá-la: ao revelar seu maquinário, também se faz emergir

todas as possibilidades *infinitas* de composição a que “gênero” como experiência humana está sujeita – principalmente aquelas que transcendem os limites de repertório da norma, aquelas cujas concatenações composicionais *parecem* não caber no mesmo lugar, como uma mastectomia masculinizadora⁵ e uma saia. Assim, mediante a impossibilidade de regresso pleno a um estado em que a correlação entre uma genitália e um gênero é a própria natureza total do mundo, a experiência trans, ao *conscientemente e ativamente criar a si e se experimentar*, gesta uma potência de *especialização* nos códigos visuais, sonoros e linguísticos que produzem “gênero”, bem como seus efeitos.

Entre estas características fixas e imutáveis, muita atenção e energia podem ser despendidas na ponderação das expectativas de encontrar o mundo exterior como se desejaria. (...) Assumindo essa perspectiva, muitas pessoas trans tornaram-se quase obsessivamente astutas em perceber e discriminar as características de gênero da apresentação cotidiana. Poucas das associações sexizadas arbitrárias das expectativas de gênero da sociedade hoje escapam ao olhar perspicaz de transexuais ansiosos (GLEESON, 2021, p. 75, tradução nossa).⁶

Desse modo, não mais desejando “ser normal” – como em minhas disforias pré-transição – ao invés de utilizar as tecnologias de gênero (PRECIADO, 2017) para *me camuflar como mulher* – a fim de que ninguém pudesse perceber que eu sentia um *devir-ser-andrógino* inadequado e indevido – após assumir uma transição não binária, passei a *conscientemente e de maneira intencional* combinar signos supostamente opostos “masculinos” e “femininos” para ver o *efeito* dessas *proposições* no entorno. Por essa razão, ao invés de universo coercitivo que me perturbava com a ameaça da exclusão, da suspensão da minha humanidade – ou mesmo do meu estatuto de realidade – o mundo passou a ser um *laboratório de experimentação performativo*, em que o ato

5. Mastectomia masculinizadora se refere ao termo médico atualmente usado para designar a cirurgia de retirada plástica dos seios de pessoas trans não retificadas como “homem” nos documentos. Às pessoas retificadas, é endereçado o mesmo termo utilizado para a cirurgia realizada em homens cis, mamoplastia.

6. No original: “Between these fixed and immutable features, much attention and energy can be expended on weighing up one’s prospects of encountering the outside world as one would desire. (...) Taking up this outlook, many trans people have grown near obsessively astute in noticing, and itemising, gendered features of everyday presentation. Few of society’s arbitrary sexed associations of gender expectations today escape the discerning eye of anxious transsexuals.”

de sair de casa e ir para o espaço do convívio social estava sempre acompanhado da premissa de investigação relacional: “o que acontece se eu sair de saia, rímel e sem blusa, com minhas cicatrizes da mastectomia aparecendo?”

Assim, se “o programa é o enunciado da performance: um conjunto de ações previamente estipuladas, claramente articuladas e conceitualmente polidas a ser realizado pelo artista, pelo público ou por ambos sem ensaio prévio” (FABIÃO, 2013, p. 4), minha mudança de chave de aberração expulsa da norma para *pesquisador prático do funcionamento da norma* me levou para o programa de ação como ferramenta de investigação do funcionamento cênico do paradigma sociocultural compartilhado hegemônico. As circunstâncias da minha vida, anteriormente sufocadas pelo homogêneo neutro-normativo e banal do cotidiano binarista, passaram a ser o *teatro sin muros* (GÓMEZ-PEÑA, 2005) para eu *experimentar composições* de comportamento, vestimenta, linguagem, e *observar os efeitos* causados por elas.

Através da realização do programa, o performer suspende o que há de automatismo, hábito, mecânica e passividade no ato de “pertencer” – pertencer ao mundo, pertencer ao mundo da arte e pertencer ao mundo estritamente como “arte”. Um performer resiste, acima de tudo e antes de mais nada, ao torpor da aderência e do pertencimento passivos. Mas adere, acima de tudo e antes de mais nada, ao contexto material, social, político e histórico para a articulação de suas iniciativas performativas. Este pertencer performativo é ato tríplice: de mapeamento, de negociação e de reinvenção através do corpo-em-experiência. Reconhecimento, negociação e reinvenção não apenas do meio, nem apenas do performer, do espectador ou da arte, mas da noção mesma de pertencer como ato psicofísico, poético e político de aderência-resistência críticos (FABIÃO, 2013, p. 5).

Na experiência do “mundo como ele é”, em que não há um palco explícito, *perceber uma ficção cultural* de onde as relações emergem é perceber seu caráter cênico, e, portanto, seu potencial como simultaneamente matéria prima e espaço de criação. Em suma, o que a cisão figura-fundo curiosamente trouxe foi a *fusão* fundamental entre minha experiência como pessoa no mundo e o meu fazer prático como artista cênico. Se o comportamento do sistema sexo-gênero é essencialmente cênico, manifestar uma vivência impossível de – e profundamente desinteressada em – se misturar e sumir na

norma me obrigou então a viver continuamente em um estado de proposição e investigação performativo. O fazer cênico “propriamente dito” – o ensaio, o palco, o teatro, a *performance art*, etc. –, portanto, se tornou apenas uma extensão coletivamente oficializada da maneira como anteriormente meu corpo não binário já vinha entendendo que queria se manifestar no mundo – tanto por uma questão de sobrevivência quanto por fascínio e curiosidade em dissecar essa linguagem de gênero esquiva e histórica: esse paradigma estético, ontológico e epistêmico que um dia me disse que eu não existia, ou que eu era uma anomalia psicofísica e que, por ironia, posteriormente se tornou minha própria plataforma de criação de mim mesmo, meu ateliê de pesquisa em artes cênicas, meu laboratório de experimentação favorito.

Referências

- ADAMS, Tony; BOCHNER, Arthur; ELLIS, Carolyn. **Autoethnography: an overview**. *Historical Social Research*, v. 36, 2011.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BUTLER, Judith. **Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista**. 2018. Disponível em: https://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2018/06/caderno_de_leituras_n.78-final.pdf. Acesso em: 20 mai. 2020.
- DICKSON, Nathaniel. **Seize the means: Towards a trans epistemology**. In: GLEESON, Jules Joanne; O'ROURKE, Elle. (Eds.). *Transgender Marxism*. London: Pluto Press, 2021.
- FABIÃO, Eleonora. **Programa performativo: o corpo-em-experiência**. *ILINX – Revista do LUME*, n. 4, dez. p. 1-11, 2013. Disponível em: <https://www.cocen.unicamp.br/revistadigital/index.php/lume/article/view/276>. Acesso em: 22 mar. 2022.
- FAVERO, Sofia. **Psicologia suja**. Salvador: Devires, 2022.
- FISCHER-LICHTE, Erika. **Estética do performativo**. Lisboa: Orfeu negro, 2019.
- GLEESON, Jules Joanne. **How do gender transitions happen?** In: GLEESON, Jules Joanne; O'ROURKE, Elle. (Eds.). *Transgender Marxism*. London: Pluto Press, 2021.
- GÓMEZ-PEÑA, Guillermo. **En defensa del arte del performance**. *Horizontes Antropológicos* [online]. 2005, v. 11, n. 24 [Accedido 12 Enero 2023], pp. 199-226. Disponible en: <<https://doi.org/10.1590/S0104-71832005000200010>>. Epub 15 Dic 2005. ISSN 1806-9983.

LEAL, Dodi Tavares Borges. **Fabulações travestis sobre o fim.** Conceição/Conception, [S. l.], v. 10, n. 00, p.e021002, 2021. DOI: 10.20396/conce.v10i00.8664035. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conce/article/view/8664035>. Acesso em: 21 ago. 2023.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PRECIADO, Paul B. **Testo junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica.** São Paulo: N-1 Edições, 2018.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual.** São Paulo: N-1 Edições, 2017.